

CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVATES

CURSO DE DESIGN DE MODA

**TOQUE, COR E MOVIMENTO: OS ESTÍMULOS E INFLUÊNCIAS
QUE A VESTIMENTA PODE EXERCER SOBRE O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE 0 A 12 MESES**

Ana Laura Hirtenkauf Munhoz

Lajeado, novembro de 2016

Ana Laura Hirtenkauf Munhoz

**TOQUE, COR E MOVIMENTO: OS ESTÍMULOS E INFLUÊNCIAS
QUE A VESTIMENTA PODE EXERCER SOBRE O
DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE 0 A 12 MESES**

Artigo apresentado na disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso, do Centro Universitário UNIVATES, como parte da exigência para obtenção do título de Bacharela em Design de Moda.

Orientadora: Beatriz Kintschner Rossi

Lajeado, novembro de 2016

TOQUE, COR E MOVIMENTO: OS ESTÍMULOS E INFLUÊNCIAS QUE A VESTIMENTA PODE EXERCER SOBRE O DESENVOLVIMENTO INFANTIL DE 0 A 12 MESES

Resumo: Esta pesquisa tem o intuito de realizar uma investigação da importância de vestimentas adequadas para o desenvolvimento infantil, com o enfoque em crianças de 0(zero) a 12(doze) meses. A vestimenta surge como um recurso de aquecimento e proteção ao corpo e posteriormente atende a necessidades sociais e estéticas e por isso deve ser escolhida e confeccionada de forma adequada e cuidadosa em especial quando se trata de bebês e crianças. A partir de uma investigação teórica e de uma coleta de dados por meio de questionários com mães e uma designer de moda infantil, construiu-se uma coleção de moda *baby* sensorial, para idades entre zero e doze meses, adequada à ergonomia e desenvolvimento.

Palavras-chave: Ergonomia. Desenvolvimento infantil. Vestimenta infantil.

Introdução

A função da moda relacionada ao vestuário deve ser entendida para muito além da questão estética, atendendo desde seus primórdios às questões fisiológicas, como por exemplo a temperatura. A vestimenta surge como um recurso de aquecimento e proteção do corpo, vindo posteriormente a atender necessidades sociais e estéticas.

Sabendo-se destas funções, parte-se do problema de que por diversas vezes a vestimenta é escolhida e confeccionada desconsiderando importantes fatores e peculiaridades quanto ao bem estar de quem as veste, neste caso os bebês.

O trabalho foi realizado por meio de uma pesquisa qualitativa, que compreende que “a qualidade é uma propriedade de ideias, coisas e pessoas que permite que sejam diferenciados entre si de acordo com suas naturezas” (MEZZAROBÀ; MONTEIRO, 2006, p. 110). A pesquisa é de cunho exploratório, que segundo Gil (2002), tem por objetivo buscar uma maior familiaridade com o problema, com o intuito de torná-lo mais explícito. Desta maneira, através de pesquisa em artigos científicos e livros, buscou-se um maior embasamento teórico quanto ao desenvolvimento infantil para investigar as peculiaridades e essencialidades na confecção das peças de vestimenta para os bebês. Para isso, também foram realizadas entrevistas por meio de questionários com mães de bebês de idade entre zero e doze meses, bem como, um depoimento da profissional Amanda Montanari, que por vários anos foi responsável pelo desenvolvimento de produto da marca infantil Dedéka e atualmente é designer da Grendene.

Este estudo tem a contribuir para a moda infantil pois, serviu como fundamentação na construção de uma coleção de moda *baby* sensorial, para idades entre zero e doze meses, adequada à ergonomia e desenvolvimento. A escrita compõe-se a partir de um referencial teórico sobre o desenvolvimento infantil segmentado em três etapas, a exposição e análise da coleta de dados por meio das entrevistas, algumas aproximações teóricas importantes sobre ergonomia e adequação, e vestimentas e modelagens, e por fim, a apresentação do desenvolvimento da confecção das vestimentas (com ilustrações) e as considerações finais do trabalho realizado.

O desenvolvimento infantil

Quando nasce um bebê, antes de qualquer contato com o mundo externo, o mesmo já traz consigo uma carga genética, provida do pai e da mãe, que podem dar algum alinhamento sobre sua personalidade e forma de desenvolvimento. Porém, vários aspectos serão construídos a partir do momento em que a criança começa a crescer e a se relacionar com o meio social em que está inserida. Nenhuma criança nasce igual à outra e por mais que todas necessitem de estímulos, cada uma reagirá de uma forma diferente a estes, assim como é trazido por Janine Lévy (2001), alguns são muito ativos (hipertônicos) enquanto outros demonstram-se mais passivos, de reação lenta (os hipotônicos). Porém todos com a necessidade de estímulo, movimento e carícias.

Abordar a temática do desenvolvimento impõe tratar sobre os avanços ao longo do tempo, os quais no primeiro ano de vida são constantes e claramente visíveis. É um processo onde diferentes fatores se inter-relacionam e influenciam mutuamente e onde o psicomotor assume função primordial

Os especialistas e estudiosos dessa área usam o termo “maturação” para tentar explicar a diferença entre aquele desenvolvimento óbvio e esperado, que irá chegar sem que tenhamos que fazer algum movimento para isso, tal como a adolescência, em contrapartida de alguma habilidade ou funcionamento que está gravada no DNA da criança, que necessita de estímulos necessários para poder manifestar-se. Assim como Greenough (apud BEE, 1977) observa, uma das proteínas que são necessárias para o desenvolvimento do sistema visual é aquela controlada por um gene cujo ação pode ser desencadeada pela experiência visual e sendo assim a mesma é necessária para que o programa genético funcione. Dessa maneira pode-se concluir que o

sistema parece estar apto para desenvolver-se percorrendo determinados caminhos, mas é necessária uma experiência para desencadear o movimento.

Seguindo este mesmo raciocínio, Lévy (2001, p. 12) discorre a respeito da importância da estimulação motora, criando laços afetivos e colaborando para o desenvolvimento neurológico do bebê.

“Se os efeitos de um meio rico de estímulos sobre a organização do córtex cerebral, sua riqueza de conexões, são ainda objeto de controvérsias, um fato é indiscutível: ele é extremamente sensível às condições do meio ambiente físico, social e cultural.

Eis porque não basta amar e alimentar uma criança (...) É preciso compreender e saber que suas atividades motoras concorrem para o desenvolvimento do cérebro e são indispensáveis à organização do sistema nervoso. A ausência de estímulos acarreta a perda definitiva de funções inatas.”

Quando se trata do papel exercido pelo meio, Herren e Herren (1986, p.10) salientam também os efeitos e prejuízos quando há carência de estímulos sensoriomotores e afetivos:

“Sabe-se, a partir dos trabalhos de Dennis e Najarian (1967), que um meio físico e social apedagógico, embora afetivamente caloroso, acarreta, assim como os déficits sensoriais, atrasos de desenvolvimento, a atividade própria da criança não sendo estimulada por objetos capazes de incitá-la e de mantê-la.”

Pode-se assim, ter uma ideia de o quanto os estímulos podem fazer diferença na vida de uma criança que está em constante processo de desenvolvimento. Portanto, é inevitável pensarmos no quanto as roupas com pouca flexibilidade ou sem ergonomia e estímulos podem interferir neste processo de evolução. O decorrer do crescimento de um bebê em seus 0 (zero) até seus 12 (doze) meses será dividido em três fases nesta escrita, com intuito de uma maior compreensão de cada uma delas.

Como colocam Hirsch e Timan (apud BEE, 1977), é possível de se observar alguns períodos críticos em determinados aspectos do desenvolvimento cerebral após o nascimento, em que determinadas semanas e meses específicos nos quais a crianças necessita de certos estímulos e experiências para que seu Sistema Nervoso Cerebral se desenvolva de maneira completa e normal.

O desenvolvimento da criança de 0 a 03 meses

O período inicial pós nascimento, até os três meses do recém-nascido, está entre os mais importantes da vida do bebê. É neste momento que ocorre o primeiro contato com a mãe, familiares e sociedade, em que a criança começará a desenhar seu desenvolvimento, suas características e seus desejos.

Por mais que tenhamos o bebê como muito frágil e quase imperceptível, pelo fato de não chorar com tanta frequência, mover-se pouco, fazer pouquíssimos ruídos, dormir por horas consecutivas e não exigir “trabalho” de seu cuidador além da troca de fraldas e amamentação, os bebês recém-nascidos apresentam grande envolvimento com o ambiente que os cercam.

Seus ouvidos são muito bem aguçados e desenvolvidos (que já vem em pleno funcionamento e conexão com o mundo externo ao útero da mãe desde os 05 meses de gestação), o bebê tem a capacidade de distinguir a voz da mãe à de alguma pessoa estranha. Conforme trazido pelo músico-terapeuta Fernando de Oliveira Pereira (2016, texto digital), dialogar com o bebê na gestação, pode parecer uma conversa unilateral, porém já estará sendo imprimido um timbre na memória do feto, uma entonação e frequência da voz da mãe, que será um importante referencial de conforto após o nascimento.

Também se escuta muitas vezes relatos de mães que colocavam músicas específicas perto da barriga durante a gestação, e quando o bebê vinha ao mundo, utilizavam das mesmas músicas para acalmá-los e a resposta era muito positiva. Podemos ter uma ideia das características dos bebês recém-nascidos com as contribuições de Helen Bee (1977) que discorre sobre as capacidades de escutar com facilidade os sons dentro do intervalo de tom e altura da voz humana, bem como de conseguir localizar os objetos pelo seu som, de forma aproximada, e também discriminar algumas vozes individuais, em especial a voz da mãe.

Nesta primeira fase de vida, sabe-se também que os pequenos já têm capacidades de entender situações a partir de esquemas elaborados por ele. Um exemplo destes esquemas seria a relação que o bebê faz do som dos passos da mãe chegando perto de seu corpo, com o ato de ser erguido do berço. Ou também, a relação estipulada por ele entre o tocar do mamilo da mãe em seu rosto com a ideia de barriga cheia. Ele não sabe que o que estão lhe oferecendo é leite e nem o quanto isso é importante para seu crescimento, porém ele tem a capacidade de entender que o fato de fazer o movimento de sucção no seio da mãe o trará saciedade, e isto é bom. A ideia básica é que, desde o início o bebê organiza suas experiências em expectativas, em combinações “conhecidas”, como explica Helen Bee (1977).

Durante este período a parte motora do bebê é aquela que está menos evoluída. Sabe-se que bebês entre 0 (zero) e 03 (três) meses dispõe inicialmente apenas de reflexos, que com o passar do tempo vão tornando-se movimentos mais calculados.

Como citado, os bebês nestes primeiros três meses terão um momento de adaptação com o mundo e começarão a conhecer seu corpo e seus movimentos. Por mais que sua coordenação motora não seja muito clara e evoluída, neste período ele irá exercer alguns “alongamentos” involuntários, como se fosse uma forma de esticar seus membros, que por 9 (nove) meses estiveram encolhidos dentro do útero da mãe. Assim, observando estes bebês recém-nascidos nota-se que por mais que eles não tenham algum objetivo em esticar-se, como para pegar algo, eles irão abrir e fechar suas mãos, farão alongamento de braços e pernas e com os dias irão aprender a rotação de cabeça (ainda sem tirá-la do chão).

Próximo aos três meses, os bebês começarão a ter seu campo visual mais aguçado, permitindo assim que consigam observar atentos a objetos ou movimentos, reconhecendo algum rosto familiar ou estranhando outros (HERREN;HERREN, 1986).

Ao fim do primeiro trimestre, a criança começará a ter maior controle sobre sua cabeça, devido a fortificação de sua musculatura e maior controle de seus movimentos. Podendo ser estimulado já nesta fase, com movimentos calmos e contínuos, tal como a prática do “o movimento global”, que pode ser o simples virar e revirar o bebê na hora da troca. Também é muito importante a conversa, explicar-lhe cada novo momento, para que desde cedo a criança sinta seu envolvimento e entenda sua voz como uma segurança (LÉVY, 2001).

É muito importante dar espaço aos bebês neste período, para poder mover seus braços e pernas e também oferecer-lhe brinquedos que tragam algum estímulo já que o mesmo é essencial. Diferentes tipos de tecidos em bolinhas presas em seu alcance, farão com que seu tato comece a sentir a diferença entre aquilo que lhe agrada mais tocar e o que não lhe agrada. As cores também podem colaborar muito para o desenvolvimento de sua visão. Os bebês nesta fase têm dificuldade de enxergar a uma distância maior que 20 (vinte) centímetros de seus olhos.

Por mais que todo o tipo de estímulo seja muito importante para o desenvolvimento do bebê, é preciso aplica-los com cautela e estudo. Algumas atividades mal executadas podem vir a causar traumas e desgosto aos pequenos. Uma pesquisa com relação aos estímulos visuais trouxe o resultado de que bebês recém-nascidos preferem desenhos a cores fortes e luminosas, e barras e ângulos a formas circulares, como citado pelo Dr. Bernard Valman (1997, p.23).

Ainda foi abordada neste capítulo, a importância do contato físico para a criança e seu desenvolvimento saudável. Desde o período uterino, o bebê é acostumado a estar sempre aquecido e em contato com a mãe. Logo nas primeiras horas de vida dos pequenos, eles tendem

a se sentir “livres” demais e isso pode os incomodar. Pode-se observar que as primeiras trocas de fralda e o início dos primeiros banhos não serão tarefas fáceis. O fato de o bebê sentir-se solto e não aquecido faz com que se sinta inseguro e o choro certamente virá como resposta. Compreende-se então, que quanto mais aquecidos, mais seguros, e quanto mais próximos ao corpo da mãe/pai melhor, maior será segurança do bebê e em consequência ele se sentirá mais confortável e chorará menos (VALMAN, 1997).

O desenvolvimento da criança de 04 a 08 meses

Entra-se no período em que o bebê começa a demonstrar um pouco mais de força, gerando posturas mais firmes em posições eretas. Agora, ele consegue sustentar sua cabeça com maior firmeza quando deitado de bruços.

Também é entre esses meses, mais especificamente próximo ao sexto mês, que os pequenos começam a se apropriar de movimentos coordenados. Todo aquele “estica-estica” involuntário que faziam nos três primeiros meses, transforma-se agora em movimentos coordenados e voluntários, permitindo que façam movimentos com objetivos claros e com apenas um braço ou uma perna. Até então seria normal, que eles movimentassem os dois membros superiores ao mesmo tempo e em movimentos sem sentido, como é explicado por Herren e Herren (1996, p.30)

Quanto a evolução do bebê neste período, Janine Lévy (2001) afirma que a contração do corpo acaba por diminuir, pois é substituída por uma maior tonicidade tanto da nuca quanto do tronco. Sendo que não é apenas sua parte motora que toma controle e maior exatidão, seus reflexos a sons e pontualidade no olhar, neste período, também irão sofrer alterações positivas e evolutivas. Agora ele reage a sons, como por exemplo, virando a cabeça ao ouvir a voz da mãe o chamar. Ele procura por respostas a aquilo que escuta e sente e seu olhar está muito mais aguçado e parado.

Agora é a hora de exercer mais ainda os estímulos à criança, alongamentos são essenciais e ginásticas são muito bem-vindas, a fim de preparar a musculatura para logo mais receber a fase de “sentar” do bebê. Tudo isso dependerá do quanto a criança se desenvolveu desde os primeiros meses e cada situação será única, porém se os estímulos certos foram abordados desde seus primeiros meses, será entre o quarto e o oitavo mês, às vezes início do nono, que o “salto” de evolução dos movimentos e reflexos se dará.

Neste período é perceptível que a criança já tem desejos e saberá os impor de forma mais assídua. Já podendo expressar apreço por algum brinquedo em específico, uma brincadeira que lhe instiga mais, ou até a preferência por alguma rotina. Elas adoram sentir-se livres para explorar. Deitá-las em uma coberta em meio às árvores e flores pode ser muito simples, porém, tem grande importância para o desenvolvimento da criança. Elas necessitam de espaço para os movimentos de pernas e braços. Também precisam ser expostas a cores e formas diferentes para cada vez mais desenvolver sua visão e tato, além da necessidade estímulos sonoros diversos, para que seus ouvidos se agucem e os reflexos sonoros se estimulem cada vez mais.

Para que a criança possa explorar o ambiente é fundamental uma vestimenta apropriada. No próximo capítulo, entrar-se-á mais a fundo em relação ao que é ideal ou não para que a criança possa se movimentar adequadamente e exercitar suas atividades, bem como os tecidos e abotoamentos mais indicados. Por hora, é importante acrescentar o que Janine Lévy (2001, p.51) discorre sobre a adequação das roupas aos movimentos e necessidades dos bebês quando aborda que é importante “Vestí-la com o mínimo possível de roupa: se a temperatura permitir, uma fralda e uma camisetinha bem leve e larga, que lhe possibilite mexer-se à vontade”.

Visto que “brinquedos” muito interessantes para eles são as suas próprias mãos e pés, seria perfeito deixar-lhes com estes membros a mostra para que possam brincar e explorar seu próprio corpo sem dificuldades. Outros brinquedos ótimos para a colaboração do desenvolvimento dos pequenos nesta fase são aqueles que fazem barulhos, que tenham cores e sons, o que pode ser muito positivo também é dar ao bebê papel colorido para amassar logo quando ele acordar (LÉVY, 2001).

O desenvolvimento da criança de 09 a 12 meses

Tal como as demais fases, este período constitui-se como primordial no desenvolvimento da criança. A partir desta etapa, a mesma já entenderá o meio em que vive, conseguirá fazer escolhas e saberá posicionar-se em situações que a agradam ou não. Também neste momento, os estímulos são fundamentais, desde que respeitando a disponibilidade da criança para tal.

Como colocado por Lévy (2001), este é um dos momentos mais felizes para o bebê e seu cuidador. As interações apresentam maior desenvoltura e há o reconhecimento por parte dele, de quem são as pessoas próximas, acarretando a percepção e reação diante da ausência da figura de referência quando esta se afasta.

Para esta situação, procurando driblar a sensação de abandono, também é importante trazer exercícios que amenizem esse sentimento, para que a criança entenda que nem tudo que some do seu campo visual desapareceu para sempre.

Um desses exercícios seria o de mostrar-lhe um brinquedo, escondê-lo e mostrar-lhe novamente, fazendo-o compreender que o brinquedo não sumiu para sempre, é apenas o bebê que não o vê, mas ele está ali. Mais conhecido pelos psicanalistas como *Fort-Da* ou “O jogo do carretel”. Ele surgiu com Freud quando na situação de cuidador de seu neto. Ele percebeu que a criança não chorou ao notar a ausência da mãe e reagiu brincando com um carretel, escondendo e trazendo-o de volta. O movimento de lançar o carretel para longe, sumindo de seu campo de visão e trazendo-o de volta, fazia com que demonstrasse alegria no reencontro (STRAGLIOTTO, 2008).

Muitas vezes não é possível ficar o tempo todo com olhos sobre a criança e interagindo com a mesma diretamente, assim, interessante e facilitador para o dia-a-dia da mãe, pai ou cuidador mais próximo, é deixar brinquedos e estímulos próximos do bebê, para que ele não necessite do “outro” para desenvolver e interagir.

Janine Lévy (2001) coloca que nesta fase, continua sendo interessante deixar a criança em espaços amplos, que possibilitem sua tomada de decisão em virar-se, esticar-se, engatinhar ou caminhar, principalmente para aquelas que já dispõem de tal habilidade.

É normalmente nesta etapa do desenvolvimento que a criança começa a desenvolver seu vocabulário, junto de um entendimento maior sobre o que é dito, acompanhado de um significado e não apenas sobre o que ela “gravou” como ação seguida de alguma função específica. Tendo o exemplo já citado ao longo do primeiro capítulo desta escrita, em que o debruçar-se da mãe sobre o berço faz o bebê entender que será pego no colo. Isso pode não significar muito para ele e o que passa a contar mais é a conversa, ou seja, a nomeação das coisas ou ações sobre “o que será executado a seguir”, explicam Herren e Herren (1986).

Tudo agora tem maior consistência. É neste período que os bebês descobrem o sentar com firmeza, o engatinhar e muitos, podendo variar de uma criança para outra, já aprendem o caminhar. Agora, mais do nunca, a adequação de vestimentas para os movimentos que estarão prestes a serem executados, são muito importantes.

Obtenção dos dados

A partir de uma breve pesquisa em lojas e conversas prévias com algumas mães, foi possível perceber que as modelagens e vestimentas adequadas para esta fase do desenvolvimento infantil, sofrem de grande falta de opção e cuidados ergonômicos.

Encontrou-se peças com tecidos inapropriados para o contato com a pele delicada de uma criança, roupas com aberturas que não facilitam o vestir e o trocar do bebê, e muitas vezes os produtos dispunham de medidas inapropriadas para o tamanho descrito nas etiquetas.

Para conseguir desenvolver uma coleção que supra os desejos das mães e as reais necessidades dos pequenos, realizou-se uma pesquisa de campo com 53 mães, sobre as peças de roupas de seus filhos, bem como suas prioridades na hora da compra. A entrevista é uma técnica de coleta de dados muito frequente e, dentro de um campo qualitativo, ela se torna mais aberta e flexível em seu propósito. Seu objetivo é obter respostas sobre o tema, problema ou ainda tópico de interesse nos termos da linguagem e na perspectiva do entrevistado, o que interessa é o conteúdo e a narrativa de cada resposta (SAMPIERI; CALLADO; LÚCIO, 2013).

A entrevista foi realizada por meio de questionário, que segundo Markoni e Lakatos (2010), caracteriza-se como uma série de questionamentos respondidos por escrito e sem a presença do entrevistador. Segundo os autores, algumas vantagens dessa técnica incluem a praticidade, o anonimato e a possibilidade de envolver um maior número de pessoas.

A possibilidade de responder o questionário foi divulgada em redes sociais e sites de maternidade, e a população foi determinada de acordo com o interesse em respondê-lo. Foram realizadas 06 (seis) perguntas sendo algumas delas de respostas mais diretas, porém todas com a possibilidade de comentários. As perguntas que compuseram o questionário foram as seguintes: Qual a idade de seu filho(a) (anexo 1) ?; Enumere de 1 a 5 em ordem crescente os fatores de maior importância, referentes as roupas de seu bebê (1- qualidade, 2- conforto, 3- beleza, 4-preço, 5- praticidade) (anexo 2); Para vocês quais são as características de uma roupa prática? (anexo 3); Você acha que o conforto da roupa pode influenciar no comportamento de seu/sua filho(a)? (anexo 4); Você considera a composição dos tecidos das peças de seu filho(a) na hora da compra?(anexo 5); Seu filho(a) já apresentou alguma alergia provocada pelo uso da roupa? Se achar necessário, comente (anexo 6).

Ao final da pesquisa de campo, em primeiro lugar dentre as escolhas de resposta sobre o que mais se leva em conta na hora da compra de roupas para bebês, encontra-se o conforto. Em segundo lugar aparece o preço da peça. O terceiro fator foi qualidade e em quarto elegeram a praticidade como resposta. No quinto e último lugar, tivemos como resposta a beleza. Também pudemos observar o desejo das mães por peças práticas para vestir e lavar, tendo a preferência por modelos de peças únicas, como *bodys*, *tipi-tops* e macacões à calças e blusa. Tivemos relatos de mães, que apontam ficar mais tranquilas com peças inteiras por conta de terem certeza que o filho/filha não ficará “descoberto” ao se movimentar ou brincar. Com o movimento, muitas vezes a blusa acaba subindo, deixando as costas à mostra, bem como as perninhas, quando ao pegar a criança no colo percebemos o subir das pernas da calça. Assim, acredito que pelos mesmos motivos, pudemos observar o desejo das mães por peças que dispunham de “pezinhos”, ótimos para aquecer os pés, segurar as mezinhas e impossibilitar que a calça suba.

Percebemos também o quanto a composição da roupa é importante para quem veste filhos pequenos. Mães preocupadas com o tipo de tecido utilizado relatam que observam cuidadosamente as etiquetas das peças, procurando sempre por aquelas que tenham a maior quantidade de algodão e ou tecidos naturais. Em questão das etiquetas, também observamos o quanto etiquetas sintéticas contidas dentro das roupas acabam irritando e incomodando os bebês. Uma mãe relatou reação alérgica pelo contato direto da mesma com a pele sensível da criança.

Na maioria dos comentários quanto à pergunta que buscou levantar as características de uma roupa prática, pudemos observar o quanto botões são o tipo de fechamento mais escolhido. Outro dado relevante foi o desejo de peças que tenham maior abertura para a passagem da cabeça, bem como a preferência por peças que dispõem de aberturas na parte inferior, facilitando a troca de fraldas. Roupas maleáveis, com tecidos leves e adequados à estação também apareceram com maior frequência nas respostas.

Com a pesquisa e as respostas obtidas, teve-se a maior convicção de o quanto este setor do mercado está com grandes nichos a serem melhores abordados e lacunas. São poucas as marcas que se preocupam com todos os fatores importantes para o desenvolvimento infantil e o dia-a-dia de mães e filhos. Assim, percebemos a existência de dificuldade no mercado baby para abordar qualidade, funcionalidade, preço e beleza em um produto só.

Além do questionário respondido pelas mães, com o intuito de entender mais sobre o mercado infantil, bem como a parte de confecção do mesmo, foi estabelecido um contato via e-mail com a profissional Amanda Montanari, que por vários anos foi responsável pelo desenvolvimento de produto da marca infantil Dedéka. A partir deste contato, realizou-se uma entrevista via e-mail, com perguntas estruturadas que puderam esclarecer dúvidas sobre desenvolvimento de coleção, ergonomia e detalhes sobre a confecção no mundo da moda infantil. A seguir, a entrevista realizada por meio de questionário

- 1) Qual o tipo de tecido mais utilizado na confecção das roupas infantis?
(ENTREVISTADOR)

“Os tecidos mais utilizados em roupas infantis, principalmente para o bebê (RN a 1 ano), são os tecidos 100% algodão ou com 85% algodão no mínimo em sua composição. Essa escolha é devido a pele das crianças ser bastante sensível e as crianças terem facilidade para desenvolverem alergias à tecidos sintéticos. Quanto mais confortável, melhor, então, malhas circulares como por exemplo a meia malha e o suedine são ideais para ser a primeira peça a ter contato com a pele do bebê. Tecidos planos como por exemplo o tricoline e o moletom são usados para peças mais externas”. (ENTREVISTADO)

- 2) Há o cuidado com a ergonomia das peças em relação as possíveis atividades que as crianças desenvolverão ao utilizar as mesas? (ENTREVISTADOR)

“Sim, tudo que se refere a crianças, tanto roupas quanto calçados e acessórios precisa de um cuidado especial. A modelagem é construída visando o conforto em situações como brincar e dormir. Os fechamentos são pensados de modo a não apertar o pescoço do bebê/criança, nas calças usa-se elásticos ou calças com extensores para não apertar suas barriguinhas. Também temos que pensar nas mães na hora de desenvolver moda infantil. As roupas servem por pouco tempo e tudo que a mãe pode prolongar esse tempo de uso, acaba sendo um

diferencial de escolha para ela na hora da compra”.
(ENTREVISTADO)

- 3) Com relação a aplicação de detalhes e ou botões, estes são costurados manualmente ou por máquinas? Eles passam por testes antes de irem para a venda?
(ENTREVISTADOR)

“Em uma confecção com grande volume de produção mensal, os botões são costurados por máquinas. Existem botões caseados e de pressão e dependendo da peça que está sendo desenvolvida e o local do abotoamento, a equipe de desenvolvimento de produto deve optar pela melhor escolha. Cada caso é bem específico.

Quanto aos detalhes, para o bebê se prioriza estampas ou bordados termocolantes que não entrem em contato diretamente com a pele do bebê, evitando irritações e machucados. Para crianças maiores, bordados diretamente na peça já são válidos, mas sempre utilizando uma entretela macia na parte interna da peça, com o mesmo objetivo de não machucar.

Laços por exemplo, também são aplicados por máquinas nas confecções que tive oportunidade de avaliar esse processo.

Quanto a testes de campo, normalmente existem algumas provas das peças piloto onde já são identificados os pontos de melhoria, como onde está machucando, se o fechamento não está no local apropriado devido a praticidade e também já é avaliado o visual final das peças”.
(ENTREVISTADO)

- 4) Qual modelo de abotoamento/abertura de bodys é mais vendido? (ENTREVISTADOR)

“Na época em que trabalhei diretamente com esse segmento, os bodys com botão no ombro e no entrepernas eram os mais vendidos, e na

versão manga longa. Em alguns estados do país havia a aceitação do decote envelope (trespassado no ombro), mas eu escutava bastante que aquele tipo de decote não ficava tão bem assentado como o botão em um dos ombros”. (ENTREVISTADO)

- 5) Na hora do desenvolvimento da coleção, dá-se mais atenção à beleza ou praticidade da peça? (ENTREVISTADOR)

“Na minha opinião é uma soma entre beleza + praticidade + conforto. Referente a moda, acho que dividir a coleção em uma pirâmide de produtos, considerando 80% de básicos, 15% de moda e 5% de vanguarda é uma boa separação. Já levando em conta os atributos de conforto e praticidade acredito que devem estar presentes em todas as peças, porque sempre há uma maneira de construir os produtos pensando em deixá-lo mais confortável/prático. Tudo deve ser analisado a partir desse olhar e as tendências de moda infantil interpretadas para essa realidade. Uma pequena modificação de posição de um enfeite, por exemplo, pode fazer com que a criança sintasse muito mais vontade com determinada peça, sem a equipe de desenvolvimento/estilo ter que perder a ideia geral que gostaria de passar”. (ENTREVISTADO)

- 6) Você gostaria de fazer alguma consideração a respeito do tema que pensa ser relevante? (ENTREVISTADOR)

“No dia a dia da criação de moda é normal começarmos a pensar no como fazer antes do porque fazer determinada peça ou coleção. Minha sugestão é, principalmente falando em crianças, inverter esse processo. Devemos iniciar nos perguntando que sensações/sentimentos queremos gerar nos nossos pequenos consumidores e aí sim nos questionarmos sobre o que é necessário para atingir esse objetivo. Há também uma questão de responsabilidade social muito grande quando se fala em

moda para crianças, pois através das roupas elas podem estar aprendendo algo, descobrindo algo e as empresas participam dia a dia desse desenvolvimento cognitivo. A moda é importante sim, mas existe muito mais”. (ENTREVISTADO)

Ergonomia e adequação

Segundo o dicionário de língua portuguesa Aurélio (2004, p. 395) “Ergonomia significa a ciência que visa a organização metódica do trabalho em função do fim proposto e das relações entre o homem e a máquina”. Surgiu a partir da Segunda Guerra Mundial, quando aviadores perceberam que os comandos necessários durante um voo estavam muito distantes e mal posicionados no painel do avião, assim necessitando que uma comissão se formasse para estudar o caso e posicionar cada botão da melhor forma para o trabalho de voo. (ABRAHÃO; SZNELWAR; SILVINO, 2009).

A ergonomia em si envolve diversos campos no mercado e no mundo. A ergonomia de produtos relacionada à moda necessita também de conhecimentos da ciência do homem, como a antropometria, a fisiologia, psicologia e parte da sociologia, como cita Gonçalves e Lopes (TEXO DIGITAL).

Encontra-se uma real dificuldade de possibilidade de vestirmos roupas com beleza, preço, qualidade e ergonomia em um só produto. Como pode-se observar anteriormente, no campo infantil, isto ficou claro mediante pesquisa de campo. Relacionando estes fatores às crianças, o grau de cuidado e escolha na hora da compra de roupas se multiplica ao pensarmos que é nesta fase que os movimentos necessitam de maior liberdade. Também a pele sensível do bebê exige um tecido confortável para que haja um contato agradável. Além disso, é necessária uma adequação às questões financeiras e econômicas, pois os bebês crescem rapidamente, o que exige novos investimentos em um curto espaço de tempo.

Para Ferreira e Martins (2014, p.4)

“[...] a qualidade de um produto desde a perspectiva da ergonomia está relacionada a vários fatores, que tem como objetivo satisfazer as necessidades humanas. O primeiro fator é a qualidade técnica que se caracteriza pelo funcionamento do produto, pela eficiência e também analisa a execução de sua função principal. O segundo fator é a qualidade ergonômica que garante a adequação entre usuário e produto, facilitando movimentação, conforto, segurança e a usabilidade pretendida.”

Deste modo, para acarretar maior número de consumidores e aceitação no mercado, chega-se à conclusão de que uma coleção infantil, mais do que qualquer outra, deve passar por um cuidadoso processo de desenvolvimento de modelagem, levando em consideração as necessidades analisadas anteriormente. Para tal, *designers* de moda e modelistas podem contar com o auxílio da tabela de medidas infantil de 0 a 14 anos da ABNT (conforme a tabela abaixo), que vem se aperfeiçoando cada vez mais e aos poucos está introduzindo um padrão de medidas que constem nas etiquetas das roupas.

Tabela 1- Medidas do Corpo de 0 a 14 anos (ABNT)

Tabela Medidas Corpo


NBR 15800
 Válida a partir de 27.12.2009

DESCRIÇÃO MEDIDAS	TAMANHOS	pp	p	m	g	gg	1	2	3	4	6	8	10	12	14
		recém-nascido	3 meses	6 meses	9 meses	12 meses	18 meses	2 anos	3 anos	4 anos	6 anos	8 anos	10 anos	12 anos	14 anos
	ESTATURA	52,0	62,0	67,0	72,0	77,0	82,0	88,0	98,0	105,0	117,0	128,0	137,0	150,0	156,0
BUSTO / TÓRAX		40,0	44,0	46,0	48,0	49,0	50,0	52,0	54,0	56,0	61,0	66,0	70,0	75,0	78,0
CINTURA		39,0	41,0	43,0	44,0	48,0	50,0	52,0	54,0	56,0	58,0	60,0	62,0	64,0	66,0
QUADRIL BAIXO		43,0	44,0	46,0	48,0	50,0	52,0	54,0	56,0	61,0	65,0	70,0	76,0	82,0	87,0
EXTENSÃO POSTERIOR DO TRONCO		16,0	18,0	19,0	20,0	21,0	22,0	23,0	25,0	26,0	28,0	31,0	35,0	37,0	39,0
COMPRIMENTO TRONCO FRENTE / CINTURA		16,0	17,0	18,0	19,0	20,0	21,0	22,0	23,0	24,0	26,0	28,0	31,0	33,0	35,0
LATERAL ENTRE CINTURA E BAIXO QUADRIL		7,5	8,0	8,5	9,0	9,5	10,0	10,5	11,5	12,5	14,0	15,0	16,0	17,0	18,0
COMPRIMENTO PAPILA MAMÁRIA / JUGULAR		8,0	8,5	9,0	9,5	10,0	10,0	10,5	11,0	12,0	13,0	14,5	15,5	17,0	18,0
LARGURA ENTRE PAPILAS MAMÁRIAS		8,0	8,5	9,0	9,5	10,0	10,5	11,0	12,0	14,0	15,0	17,0	18,0	19,0	20,0
COMPRIMENTO OMBRO / COTOVELO / PULSO		20,0	22,0	23,0	24,0	26,0	28,0	30,0	32,0	36,0	40,0	45,0	49,0	54,0	58,0
OMBRO A OMBRO		18,0	19,0	20,0	21,0	22,0	23,0	24,0	25,0	26,0	27,0	29,0	31,0	33,0	35,0
PULSO		10,0	10,5	10,5	11,0	11,5	11,5	12,0	12,5	13,0	13,5	14,0	14,5	15,0	16,0
BÍCEPS		13,0	14,0	14,5	15,0	15,0	15,5	16,0	16,5	18,0	19,0	20,0	22,0	24,0	26,0
COXA		20,0	25,0	27,0	28,0	29,0	30,0	31,0	33,0	35,0	38,0	40,0	43,0	46,0	48,0
JOELHO		17,0	21,0	21,5	22,0	22,0	22,5	23,0	24,0	25,0	27,0	29,0	31,0	33,0	35,0
PANTURRILHA		14,0	17,0	19,0	20,0	20,5	20,5	21,0	21,5	22,5	24,5	27,0	29,0	31,0	33,0
TORNOZELO		11,0	15,0	15,0	15,0	15,5	16,0	16,0	16,5	17,0	18,0	19,0	20,0	21,0	20,0
COMPRIMENTO CINTURA / TORNOZELO		31,0	34,0	37,0	40,0	44,0	47,0	52,0	57,0	62,0	69,0	77,0	84,0	90,0	94,0
ALTURA DO ENTREPERNAS		19,0	22,0	25,0	28,0	31,0	34,0	37,0	41,0	45,0	53,0	60,0	67,0	70,0	74,0
COMPRIMENTO CINTURA / JOELHO		16,0	18,0	20,0	22,0	23,0	25,0	27,0	30,0	34,0	39,0	44,0	48,0	52,0	54,0
CONTORNO GANCHO FRENTE / COSTAS		33,0	36,0	20,0	37,0	38,0	39,0	40,0	42,0	44,0	48,0	50,0	54,0	58,0	62,0
PERÍMETRO CABEÇA		39,0	42,0	44,0	46,0	48,0	50,0	50,0	51,0	51,0	52,0	53,0	54,0	55,0	56,0
PERÍMETRO PESCOÇO		21,0	22,0	22,5	23,0	23,5	24,0	25,0	26,0	28,0	29,0	30,0	32,0	34,0	35,0
GANCHO TOTAL (FRENTE / COSTAS PESCOÇO)		64,0	69,0	74,0	79,0	84,0	89,0	94,0	99,0	102,0	110,0	116,0	122,0	130,0	136,0

FONTE: <http://patricia-cardoso.com/tabelainfantil/>

Ao invés de letras ou número que padronizem o tamanho, agora a ideia é termos acesso às medidas contidas em cada peça. A superintendente do ABNT/CB – 17 Maria Adelina Pereira (2012, p.3) comenta que:

“Não basta uma etiqueta de grife. Atualmente, o consumidor busca beleza e uma boa modelagem numa vestimenta, mas também quer que a peça esteja adequada ao seu corpo. Justamente por priorizar medidas coerentes com o biotipo brasileiro, as normas de vestibilidade facilitam a conquista desse ideal”.

Tecidos e modelagens

Sabe-se que cada modelagem pode sofrer alterações conforme o tipo de tecido utilizado. Tem-se sempre uma medida para tecidos planos e outra para malhas, fazendo a adequação ao caimento próprio de cada tecido que se apresenta diferente entre o corte e o vestir.

Ao realizar uma pesquisa sobre os tecidos, encontra-se como um dos mais indicados para a usabilidade infantil o Algodão. A fibra natural mais utilizada no mundo contém valor adequado a maioria dos públicos, toque leve e delicado, além de praticidade no cuidado e na lavagem. Estes fatores garantem qualidade e diminuem os riscos de alergias aos bebês. De acordo com Pezzolo (2012, p.25-26) “Ainda que as sintéticas tentem alterar sua composição no mercado, ele continua sendo preferido por conta de suas qualidades naturais, relacionadas a conforto, maciez e durabilidade”.

Ainda segundo Pezzolo (2012), é possível encontrar no mercado o algodão egípcio, que é considerada a fibra mais nobre do setor têxtil e abastece as fábricas mais caras do mundo. Assim, o valor das peças fabricadas com tal algodão pode ser encontrado no mercado até três vezes acima do preço normal. O tecido está ainda mais distante da maioria dos consumidores quando falamos a nível Brasil, pois ainda não temos nenhuma produção do algodão egípcio em nosso país.

Outra fibra a ser utilizada na substituição do algodão comum seria o algodão ecológico. Esta fibra apresenta características semelhantes aos dois citados anteriormente e ainda traz a imagem e a função de sustentabilidade. Para ser sustentável o processo de produção do tecido deve seguir etapas e regras que geram maiores custos de produção, elevando seu preço final, o que limita seu uso. “Convém destacar que tecidos ecológicos (tecidos planos e de malha) não são simplesmente tecidos naturais. Além de naturais, eles respeitam determinadas regras em toda sua trajetória, antes e depois da tecelagem” (PEZZOLO, 2012, p.46).

No mercado infantil diversas peças são confeccionadas a partir de malhas, que também são boas opções por conta do toque macio, fácil cuidado, secagem rápida, preço e flexibilidade do tecido. O único ponto que coloca em dúvida a utilização deste tecido seria o fato dele conter uma porcentagem sintética que pode ou não ser prejudicial ao bebê, dependendo da sensibilidade do mesmo.

O mercado infantil vem cada vez mais se inovando com o intuito de proporcionar aos consumidores tecidos tecnológicos que sejam macios, fáceis de lavar e cuidar, que

proporcionem aconchego e mobilidade aos pequenos. Com a constante inovação no meio têxtil é imprescindível ficar sempre atendo às novidades e melhores indicações.

Desenvolvimento de coleção

A partir desta pesquisa, procurou-se entrar a fundo no desenvolvimento infantil, a fim de entender quais as maiores necessidades que um bebê de 0(zero) a 12 (doze) meses necessita. Juntamente com a pesquisa de campo realizada e o estudo de ergonomia e materiais adequados, apresenta-se agora a coleção desenvolvida visando suprir e instigar o constante desenvolvimento dos bebês.

Para a coleção desenvolvida a partir deste artigo, optou-se pela utilização de quatro tipos de tecido. Começando pela malha Piquet (50% algodão e 50% de poliéster) na cor branca, que é muito utilizada para uniformes e camisaria pois tem bastante durabilidade e ótima aparência, além de encolher pouco. Tecido 100% Algodão, nas cores azul, que foi utilizado na parte externa de uma peça, e branca, utilizado como forro (visando proteger a pele do bebê) em todas as peças desenvolvidas. Foram utilizados outros dois tecidos de malha, sendo uma malha canelada rosa (96% algodão e 4% elastano) e outro, de malha listrada (50% poliéster, 47% viscose e 3% elastano), nas cores branca e azul marinho, utilizado em praticamente todas as peças, criando uma harmonia entre ambas. Por fim, como incremento, o tecido de tule (100% poliéster) na cor rosa, que tem o papel de encantar a criança com o toque diferente e áspero.

Todos os tecidos bem como suas cores foram escolhidos pensando em propor à criança mobilidade, estímulo, conforto e aconchego. Para as modelagens, foram desenvolvidos modelos com aberturas frontais, todas com grandes aberturas no pescoço e pernas para facilitar na hora de vestir e trocar o bebê. Para os fechamentos, a escolha foi por botões, todos costurados à mão para evitar quedas e acidentes com os mesmos, visando o conforto e segurança da criança, bem como praticidade para a pessoa que faz suas trocas. Como aqui o objetivo é fazer com que a roupa tenha muita utilidade e acima de tudo proteja os pequenos da melhor forma, também foi desenvolvido um modelo com punhos e pés que viram luvas e sapatinhos, perfeitos para evitar que mangas e pernas subam. O formato “luva” também pode ser bastante indicado para bebês recém-nascidos por dois motivos: evitar que os bebês se arranhem por estarem com as unhas compridas logo ao nascer e aquecerem as mãos devido à dificuldade de aquecimento nas extremidades.

Os estímulos podem estar em qualquer lugar, em uma cor vibrante posta à vista da criança, no toque diferente, no novo brinquedo, ou simplesmente na possibilidade de movimentos. Nesta coleção foram abordados todos estes aspectos da melhor forma. Pensando no brincar e na praticidade de manter objetos atrativos próximos da criança, foi desenvolvida uma espécie de “alça” que possibilita o engate de brinquedos e/ou bico na parte superior do ombro de algumas peças, facilitando funcionalmente o dia-a-dia do cuidador e da criança.

Muito tratou-se sobre o quanto pode ser benéfico para a criança o contato com a natureza, com suas cores e formas, assim, trago como tema de coleção o jardim e suas belezas, abordando da forma mais encantadora o “Florescer”. Cores como rosa, azul, verde, amarelo e vermelho, além do tecido de malha com estampa listrada (azul marinho e branco), são utilizadas com o intuito de chamar atenção, de trazer o olhar do bebê para ele mesmo. Flores de crochê confeccionadas artesanalmente e costuradas sobrepostas às peças dão um toque todo especial e sensorial às roupinhas, bem como as borboletas em alto relevo e penduradas em fitas, em forma de atrativo, como mostrado nas imagens a seguir:

Figura 1 – Fotografia de vestimenta confeccionada



Figura 2 – Fotografia de vestimenta confeccionada



Figura 3 – Fotografia de vestimenta confeccionada



Figura 4 – Fotografia de vestimenta confeccionada



Figura 5- Fotografia de vestimenta confeccionada



Figura 6 – Fotografia de vestimenta confeccionada (frente e verso)



Figura 7 – Fotografia de vestimenta confeccionada



Considerações finais

O desenvolvimento de coleção elaborado com base no estudo e referencial teórico apresentado pode ser testado na prática em uma sessão de fotos em que três crianças com idades de três semanas, quatro meses e doze meses de idade contribuíram para confirmar o objetivo previsto.

Através do estudo realizado pode-se perceber a importância da utilização de vestimentas adequadas e como as mesmas impactam no desenvolvimento das crianças de 0 a 12 meses. Assim como, conclui-se que roupas infantis podem ser desenvolvidas com um custo razoável, atendendo à ergonomia adequada, à funcionalidade, ao conforto e, além disso, estimulando às questões sensoriais, contribuindo diretamente com o pleno desenvolvimento infantil.

Referências

- ABRAHÃO, Júlia; SZNELWAR, Laerte; SILVINO, Alexandre. **Introdução à ergonomia:** da prática à teoria. São Paulo: Blucher, 2009.
- ANJOS, Margarida, FERREIRA, Marina Baird (coordenação e edição). **Mini Aurélio:** dicionário da língua portuguesa. 6 ed. Curitiba: Positivo, 2004.
- BEE, Helen. **A criança em desenvolvimento.** São Paulo: Harbra, 1977.
- FERREIRA, Veridiana Cristina Teodoro; MARTINS, Suzana Barreto. O papel da ergonomia como contraponto ao *fast fashion*. 7 ed. **Anais do 10º Colóquio de Moda e 1º Congresso Brasileiro de Iniciação Científica em Design de Moda.** Londrina, 2014.
- GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Eliana; LOPES, Luciana Dornbusch. **Ergonomia no vestuário**: conceito de conforto como valor agregado ao produto de moda. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseño/articulos_pdf/A039.pdf> acesso em outubro de 2016.

HERREN, H; HERREN, M. P. **A estimulação psicomotora precoce**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

LÉVY, Janine. **O despertar do bebê**: práticas de educação psicomotora. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

MEZZAROBBA, Orides; MONTEIRO, Claudia Servilha. **Manual de metodologia de pesquisa no Direito**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

PEREIRA, Fernando de Oliveira. **Musicoterapia para gestantes e famílias grávidas**, 2016. disponível em: <<http://guiadobebe.uol.com.br/musicoterapia-para-gestantes-e-familias-gravidas/>> acesso em out de 2016.

PEREIRA, Maria Adeline. **Boletim ABNT**, v 10. n 115. 2012, p. 3-4. Disponível em: <<http://www.abnt.org.br/images/boletim/Marco-2012.pdf> > acesso em outubro de 2016.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos**: história, tramas, tipos e usos. 3 ed. São Paulo: SENAC, 2012.

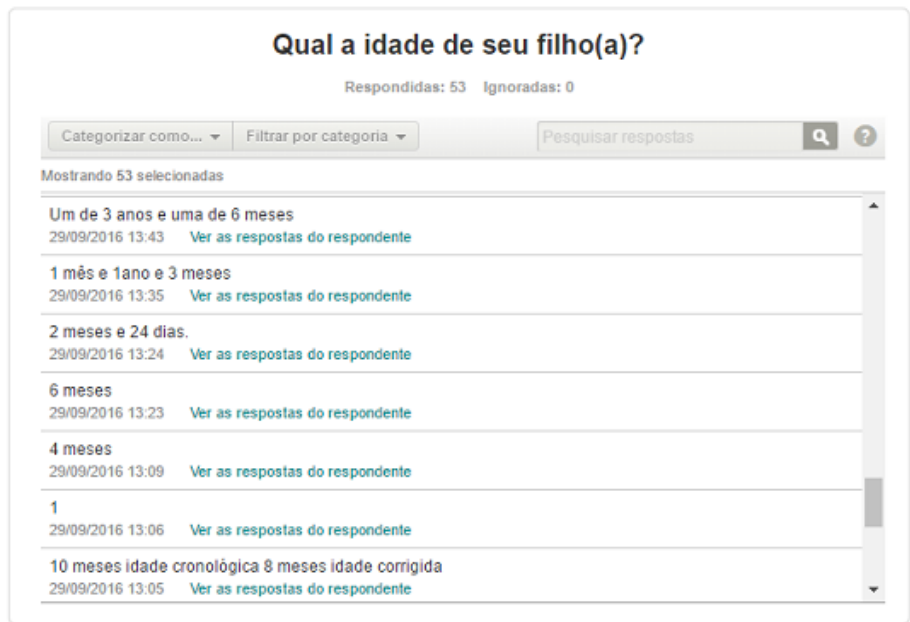
SAMPIERI, Roberto Hernández; CALLADO, Carlos Fernandez; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Trad. Daisy Vaz de Moraes. 5 ed. Porto Alegre: Penso, 2013.

STRAGLIOTTO, Cristina Boll. Pensando sobre o Brincar. **Contemporânea- Psicanálise e Transdisciplinaridade**. Porto Alegre. n 5. jan/fev/mar, 2008.

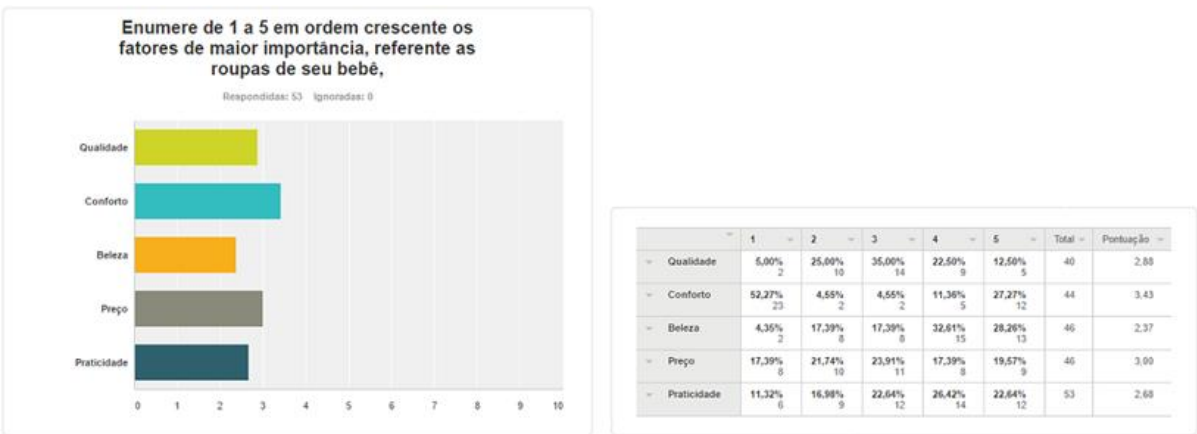
VALMAN, Bernard. **A saúde de seus filhos**. Porto Alegre: Zero Hora, 1997.

Anexos

ANEXO 1– Respostas referentes a pergunta de nº 1 do questionário realizado



ANEXO 2- Respostas referentes a pergunta de nº 2 do questionário realizado



ANEXO 3- Respostas referentes a pergunta de nº 3 do questionário realizado

Para você quais são as características de uma roupa prática?

Respondidas: 50 Ignoradas: 3

Categorizar como... Filtar por categoria Pesquisar respostas

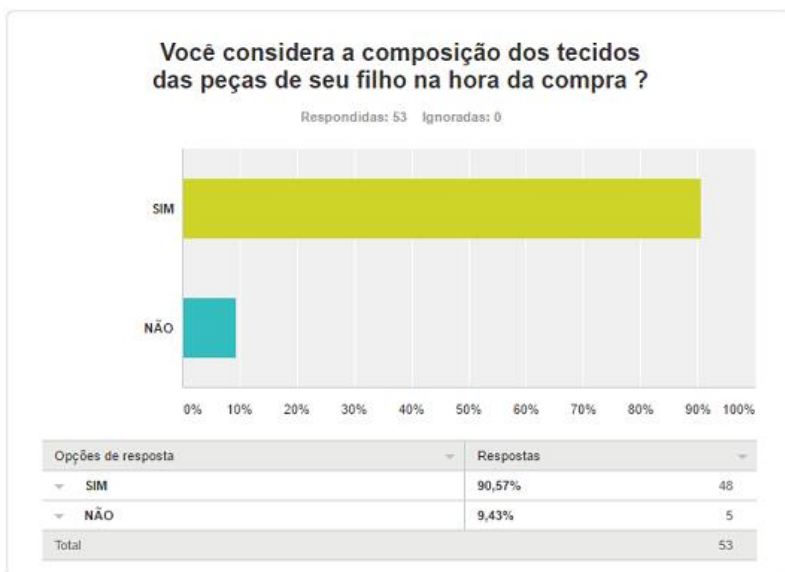
Mostrando 50 selecionadas

- Tem que ser fácil de vestir, lavar e gostosa de usar.
30/09/2016 19:55 [Ver as respostas do respondente](#)
- Fácil de tirar e colocar ... Menor número possível de feixes (somente o suficiente para manter a roupa "fechada"), sem mtos detalhes
30/09/2016 12:19 [Ver as respostas do respondente](#)
- Para bebê macacão com pezinho, calça não pode ficar subindo, tecido maleável.
30/09/2016 12:00 [Ver as respostas do respondente](#)
- prática seria uma roupa fácil de vestir
30/09/2016 10:26 [Ver as respostas do respondente](#)
- Aberturas para troca de fraldas, botões para facilitar a passagem na cabeça do bebê.
30/09/2016 08:52 [Ver as respostas do respondente](#)
- Com uma boa abertura para facilitar na hora de vestir e na hora da troca.
30/09/2016 08:47 [Ver as respostas do respondente](#)
- Facilidade em passar pela cabeça. Ter botões. Peça única.

ANEXO 4- Respostas referentes a pergunta de nº 4 do questionário realizado



ANEXO 5- Respostas referentes a pergunta de nº 5 do questionário realizado



ANEXO 6- Respostas referentes a pergunta de nº 6 do questionário realizado

